

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA - VENDA PROIBIDA - RIO DE JANEIRO, XX DE JULHO DE 2026



JORNAL DOS SPORTS

DESDE 1931



INSTAGRAM.COM/JORNAL.DOS.SPORTS

Nº 53

CONTATO@JORNALDOSSPORTS.COM.BR

E AGORA, CBF?



SELEÇÃO BRASILEIRA TEM SOLUÇÃO?

O MELANCÓLICO FIM DE NEYMAR

A trajetória de Neymar com a camisa da Seleção Brasileira chegou ao fim. Depois de 16 anos defendendo o Brasil, o camisa 10 confirmou que não pretende mais vestir a Amarelinha, encerrando um ciclo que dividiu opiniões. Para muitos, foi um dos maiores talentos da história da Seleção. Para outros, a ausência do tão sonhado hexacampeonato pesa na avaliação de uma geração que disputou quatro Copas do Mundo sem levantar a taça.

- Fiz história ali e sou muito feliz. Vivi muitas coisas, dei meu sangue e minha vida, sempre briguei e lutei pela Amarelinha, mas acho que não quero mais - declarou Neymar.

Carlo Ancelotti também tratou o encerramento como definitivo. O treinador lamentou apenas a preparação física do atacante para a

Copa, mas fez questão de elogiar sua postura durante o torneio.

- Acho que com esta Copa do Mundo termina uma geração de jogadores muito importantes. Começando por Neymar. A única coisa que me incomodou é que o Neymar podia treinar nesse período, preparar-se melhor, podia estar melhor no primeiro jogo e não no quarto jogo. Isso foi a única coisa que me incomodou - afirmou o técnico, que também citou Danilo e Casemiro como símbolos do fim de um ciclo.

Agora, a Seleção inicia uma nova era, enquanto o legado de Neymar seguirá sendo debatido por muito tempo entre números históricos, talento incontestável e a frustração de nunca conquistar a Copa do Mundo.

RAFAEL RIBEIRO E NELSON TERME/CBF



PRÓXIMOS JOGOS DA SELEÇÃO BRASILEIRA



1º JOGO
★ 25 DE SETEMBRO DE 2026 ★
Townsville, Austrália
 VS 
AMISTOSO INTERNACIONAL

2º JOGO
★ 29 DE SETEMBRO DE 2026 ★
Brisbane, Austrália
 VS 
AMISTOSO INTERNACIONAL



Quando Samir Xaud foi eleito presidente da CBF, em maio de 2025, seu nome era praticamente desconhecido pela maioria dos torcedores. Um ano depois, o médico roraimense de 41 anos ocupa o cargo mais poderoso do futebol brasileiro, mas também representa um debate que vai muito além de sua trajetória: afinal, quem realmente manda na CBF?

Formado em Medicina, com especialização em infectologia e medicina esportiva, Xaud é empresário do ramo fitness, dono de uma clínica médica em Boa Vista, foi goleiro na juventude e é faixa-preta de jiu-jitsu. Antes da CBF, ocupava a vice-presidência da Federação Roraimense de Futebol, comandada por seu pai, Zeca Xaud, há mais de 40 anos.

Sua chegada ao comando da entidade ocorreu após o afastamento de Ednaldo Rodrigues. Candidato único, foi eleito com amplo apoio das federações estaduais, justamente o grupo que concentra o maior poder político da confederação.

Foi esse modelo que motivou uma das críticas mais contundentes de Ronaldo Fenômeno. Em entrevista ao repórter Thiago Fagnani, da Band, o ex-atacante afirmou: “Enquanto o estatuto da CBF deixar o poder nas mãos dos 27 presidentes das federações, essa palhaçada vai continuar.”

A frase resume um problema antigo. Nos últimos anos, presidentes passaram pela CBF, mas a estrutura de poder permaneceu praticamente intacta. O próprio Ronaldo desistiu de disputar a presidência por não conseguir o apoio mínimo das federações para registrar sua candidatura.

À frente da entidade, Xaud herdou o acordo que trouxe Carlo Ancelotti para a Seleção Brasileira e assumiu a missão de recuperar a credibilidade da CBF. Sua gestão, porém, também passou a enfrentar turbulências. Recentemente, o jornalista Leo Dias afirmou que o dirigente teria utilizado recursos da entidade para custear despesas pessoais relacionadas a supostos casos extraconjugais durante a Copa do Mundo de 2026. Segundo a denúncia, gastos com hospedagem e viagens teriam sido pagos pela CBF. A entidade negou as acusações e afirmou que despesas particulares de dirigentes não são custeadas pela confederação.

Independentemente do desfecho das denúncias, a principal discussão continua sendo o modelo de gestão. A eleição de Samir Xaud mostrou que presidentes mudam, mas o sistema permanece. E, enquanto as 27 federações concentrarem o poder sobre as eleições da CBF, dificilmente o futebol brasileiro verá uma mudança estrutural.

NAS MÃOS DELE. ATÉ QUANDO?

“

Enquanto o estatuto da CBF deixar o poder nas mãos dos 27 presidentes das federações, essa palhaçada vai continuar.”

”

RONALDO
FENÔMENO



CBF: CRISE BRASILEIRA DE FUTEBOL

A Confederação Brasileira de Futebol (CBF) acumula uma sequência de crises institucionais que atravessa diferentes gestões. Nos últimos sete mandatos da entidade, cinco presidentes deixaram o cargo envolvidos em escândalos, investigações, punições ou decisões judiciais. Apenas o Coronel Nunes, que comandou a CBF interinamente em diferentes períodos, não foi afastado.

A sequência evidencia uma instabilidade política que acompanha o futebol brasileiro há mais de uma década e alimenta críticas ao modelo de governança da confederação, concentrado nas mãos das 27 federações estaduais.

O caso mais emblemático é o de Ricardo Teixeira, presidente entre 1989 e 2012. Durante seus 23 anos de gestão, o Brasil conquistou as Copas do Mundo de 1994 e 2002, mas seu legado acabou marcado por denúncias de corrupção. Em 2019, a Fifa o baniu do futebol após concluir que o dirigente recebeu cerca de US\$ 8 milhões em propinas na venda de direitos comerciais de competições internacionais.

Seu sucessor, José Maria Marin, assumiu em 2012. Meses antes, protagonizou um episódio curioso ao ser flagrado colocando no bolso uma medalha destinada aos campeões da Copa São Paulo de Futebol Júnior. A Federação Paulista alegou que a peça era um presente, mas um jogador do Corinthians ficou sem receber a premiação e precisou ganhar outra dias depois.

O episódio acabou ofuscado pelo Fifagate. Em 2015, Marin foi preso pelo FBI, na Suíça, extraditado para os Estados Unidos

e condenado por organização criminosa, fraude bancária e lavagem de dinheiro em esquemas envolvendo Copa América, Libertadores e Copa do Brasil. Cumpriu pena nos EUA e retornou ao Brasil em 2020.

Também foi durante sua gestão que a atual sede da CBF, na Barra da Tijuca, foi inaugurada. Marin batizou o prédio com seu próprio nome, exibido na fachada principal. A homenagem, porém, desapareceu poucos anos depois, quando seu sucessor retirou discretamente a identificação. Mais tarde, a placa interna também foi removida, e a sede passou a ser chamada apenas de Casa do Futebol Brasileiro.

Eleito em 2015, Marco Polo Del Nero assumiu poucos dias antes da prisão de Marin. Temendo ser detido, evitou viagens internacionais até ser suspenso pela Fifa em 2017. No ano seguinte, foi banido definitivamente do futebol por corrupção e recebimento de propinas.

A promessa de renovação veio com Rogério Caboclo, eleito em 2019. Seu mandato terminou em 2021, após denúncias de assédio moral e sexual feitas por uma funcionária da entidade. Atualmente, Caboclo tenta retornar ao futebol como candidato à presidência do São Paulo.

Na sequência, Ednaldo Rodrigues assumiu a presidência da CBF. Em 2025, acabou afastado por decisão judicial em meio a questionamentos sobre a legalidade do processo que o manteve no cargo, tornando-se mais um presidente da entidade a deixar o comando envolvido em uma disputa nos tribunais.

Criada em 1979, após a separação da an-



DIVULGAÇÃO/CBF



LEANDRO LOPES/CBF





DIVULGAÇÃO/CÂMARA DOS DEPUTADOS



tiga Confederação Brasileira de Desportos (CBD), fundada em 1914, a CBF nasceu para administrar exclusivamente o futebol brasileiro. Desde então, tornou-se a principal entidade do esporte no país, mas também passou a conviver com sucessivas crises de governança.

Dos últimos sete mandatos, Ricardo Teixeira foi banido pela Fifa, José Maria Ma-

rin acabou preso e condenado nos Estados Unidos, Marco Polo Del Nero também foi banido do futebol, Rogério Caboclo caiu por denúncias de assédio e Ednaldo Rodrigues foi afastado pela Justiça em 2025. A sequência ajuda a explicar por que as críticas à CBF costumam mirar não apenas seus dirigentes, mas também o modelo político que sustenta a entidade.

PRESIDENTES DA CBF DESDE 1989

PRESIDENTE	PERÍODO	SITUAÇÃO
Ricardo Teixeira	1989–2012	Renunciou; banido pela Fifa por corrupção
José Maria Marin	2012–2015	Preso no Fifagate; condenado nos EUA
Marco Polo Del Nero	2015–2017	Afastado e banido pela Fifa
Coronel Nunes	2017–2019 (interino)	Sem afastamento
Rogério Caboclo	2019–2021	Afastado por denúncias de assédio
Coronel Nunes	2021 (interino)	Sem afastamento
Ednaldo Rodrigues	2021–2025	Afastado por decisão judicial
José Perdiz	2023 e 2024 (interino)	Presidente interino por determinação judicial em períodos específicos

PÁTRIA SEM MESTRE

Há uma cena que deveria nos envergonhar.

Portugal entrega sua seleção a Jorge Jesus. A Alemanha confia em Jürgen Klopp. A França sonha com Zidane. A Itália volta os olhos para Roberto Mancini. A Espanha, campeã do mundo, continua nas mãos de Luis de la Fuente.

Todos filhos da própria terra. Todos falam o idioma do povo, mas, sobretudo, o idioma do futebol que ajudaram a construir.

E o Brasil?

O Brasil, cinco vezes campeão do mundo, precisou atravessar o oceano para procurar um treinador.

É uma fotografia cruel dos nossos tempos.

Durante décadas, exportamos craques, encantamos estádios, ensinamos o planeta que a bola podia ser tratada como uma declaração de amor. Hoje, importamos quem nos explique o que sempre soubemos fazer.

É como se o samba precisasse de um maestro estrangeiro para voltar ao compasso.

Dizem que não havia opção. Talvez seja verdade.

Fernando Diniz apareceu como um poeta perdido em meio ao incêndio da CBF. Recebeu seis partidas. Seis. No Brasil, ideias morrem antes de aprender a andar.

Filipe Luís talvez seja a esperança de uma nova escola. Inteligente, estudioso, moderno. Mas ainda escreve os primeiros capítulos da própria história.

Então chegou Carlo Ancelotti.

Um dos maiores treinadores que o futebol já conheceu. Um vencedor absoluto. Um homem respeitado em qualquer vestiário do planeta.

Mas a pergunta continua ecoando.

Ele conhece o nosso futebol. Conhece o nosso talento. Mas conhece a nossa alma?

Porque o futebol brasileiro nunca foi apenas um sistema tático.

Foi insolência.

Foi improviso.

Foi irreverência.

Foi o menino descalço desafiando o mundo inteiro com um drible que não existia nos livros.

Na próxima Copa, completaremos 28 anos sem tocar a taça. Vinte e oito anos esperando que alguém devolva ao Brasil aquilo que um dia foi naturalmente nosso.

Será um italiano?

Talvez seja.

Ou talvez estejamos fazendo a pergunta errada.

Talvez o drama não seja Carlo Ancelotti.

O drama seja perceber que a pátria de Telê Santana, Zagallo, Parreira e Luiz Felipe Scolari já não consegue olhar para dentro de casa e encontrar um comandante capaz de conduzir a maior seleção da história.

E há outra provocação inevitável.

Se era para cruzar fronteiras, por que não Pep Guardiola? Um homem que sempre falou do Brasil como quem fala de uma paixão antiga, que estudou a Seleção de 1970 como uma obra de arte e que nunca escondeu sua admiração pelo nosso jeito de jogar.

No fim, a maior tragédia talvez não seja ter um técnico estrangeiro.

A maior tragédia é o país que ensinou o mundo a jogar futebol já não acreditar que ainda pode ensinar a si mesmo.



FOTOS DE RAFAEL RIBEIRO E NELSON TERME/CBF

RAFAEL RIBEIRO/CBF

O BRASIL ESTÁ ÓRFÃO



Há uma pergunta que ecoa pelos corredores da CBF, invade as mesas de bar e persegue o torcedor brasileiro como um fantasma vestido de amarelo: é essa geração que vai nos devolver o hexacampeonato?

Olhamos para Vinícius Júnior, Rodrygo, Estêvão, Endrick, Bruno Guimarães, Danilo... e tentamos enxergar neles o reflexo de Pelé, Romário, Ronaldo, Rivaldo, Ronaldinho. Mas o espelho insiste em devolver outra imagem. Não por falta de talento. Por falta de destino.

O Brasil sempre acreditou que o craque nasce como quem brota do asfalto. Que um menino descalço pisaria na bola, driblaria a pobreza e, por milagre, salvaria uma nação inteira. Foi assim por décadas. O problema é que milagres não aceitam calendário.

A nossa carência é tão grande que já existe quem peça Neymar na Copa de 2030. Neymar terá 38 anos. Hoje, aos 34, seu maior adversário já não veste outra camisa. É o próprio

corpo. Se mal consegue sustentar uma sequência de jogos agora, que esperança é essa que depositamos no futuro? Não é fé. É saudade.

Todos concordamos que a safra atual está longe de assustar o mundo. Mas será que ela amadurece? Será que Vinícius finalmente encontrará na Seleção o brilho que exibe em Madri? Será que Estêvão e Endrick confirmarão tudo aquilo que lhes prometemos antes mesmo de se tornarem homens? Ou estaremos apenas empurrando para amanhã uma discussão que deveria ter começado ontem?

Porque o verdadeiro problema talvez nem esteja nos nomes. Está nas raízes.

Olhe para a Espanha. Da categoria fradinha ao time principal, todos falam o mesmo idioma futebolístico. A criança aprende posse de bola, ocupação de espaço, jogo coletivo. Cresce respirando uma identidade. Não importa quem seja o treinador. A ideia permanece.

E o Brasil? Qual é a nossa ideia? Qual é o nosso projeto? Qual é o futebol brasileiro de 2030?

Cada clube forma de um jeito. Cada treinador começa do zero. Cada convocação parece um quebra-cabeça montado às pressas. Perdemos a capacidade de fabricar jogadores para um modelo. Passamos a torcer pelo nascimento de um gênio que resolva sozinho aquilo que a estrutura é incapaz de construir.

Nelson Rodrigues dizia que o brasileiro é um narciso às avessas, que cospe na própria imagem. Talvez hoje aconteça o contrário. Olhamos para o espelho da Seleção e insistimos em enxergar um gigante onde há apenas um país procurando a própria identidade.

O hexa não nascerá de um novo salvador da pátria. Nascerá no dia em que o futebol brasileiro voltar a saber quem é. Porque camisa pesa. História inspira. Mas nenhuma delas entra em campo para jogar.

FORÇA MUNICIPAL: CENTENAS DE PRISÕES SEM DAR UM TIRO.



A segurança pública sempre foi e continua sendo de responsabilidade do Governo do Estado. Mas, desde 2009, a Prefeitura vem fazendo a sua parte. São milhares de câmeras inteligentes pela cidade e, agora, temos a Força Municipal com agentes de elite muito bem treinados para prevenir e combater roubos e furtos nas ruas. São 600 agentes que já realizaram mais de 800 prisões sem disparar um tiro. Até o fim do ano, serão mais de mil agentes nas ruas em um trabalho que une tecnologia e estratégia para proteger os cariocas.

PREFEITURA



RIO

A SERVIÇO DE TODO CARIOCA